

A CONTEMPORÂNEA E CLÁSSICA LÍNGUA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA - UM PONTO DE REFLEXÃO!

Michelli Fernanda de Souza

PG/NEAD-UEMS

Marlon Leal Rodrigues

NEAD-UEMS

Resumo: Este é um artigo que trabalhará com quatro palavras, que nas quais precisam ter sentido real: (Língua, Linguagem, gramáticos e linguistas). No decorrer do texto abordaremos as teorias de Ferdinand de Saussure, Eduard Sapir, Mattoso Câmara e Sírio Possenti como principais responsáveis por este trabalho. O mesmo teve a origem a partir das aulas de estágio do mestrado em Letras com a perspectiva de demonstrar aos acadêmicos a visão de cada autor e deixando um ponto reflexivo sobre a teoria e prática da língua portuguesa e até mesmo qual seria a função dos gramáticos e dos linguistas na formação de uma língua materna.

Palavras Chaves: Língua, Linguagem, Gramáticos, Linguistas.

Introdução

Este é um artigo que na qual pretendo amarrar quatro palavras, que nas quais precisam ter sentido real: (Língua, Linguagem, gramáticos e linguistas).

Inicia-se o trabalho com a busca da palavra o que significa “língua”, de acordo com o dicionário online de língua portuguesa:

Significado de Língua - s.f - Conjunto dos elementos que constituem a linguagem falada ou escrita peculiar a uma coletividade: Sistema de vocabulário e sintaxe usado em determinada época, por certos escritores, em uma ou outra profissão. Ter língua comprida, não guardar segredo, falar demais. Língua materna, a da terra em que se nasce. Língua morta, a que deixou de ser falada por um povo. Língua viva, que é falada por um povo.

Má língua, pessoa maldizente. Língua solta, pessoa que fala muito. Língua viperina, pessoa que põe maldade no que diz. Dar com a língua nos dentes, revelar um segredo, falar indiscretamente. Dobrar a língua, corrigir um dito inconveniente, falar com mais respeito. Língua franca, língua híbrida (de italiano, espanhol, árabe, francês, grego, turco), utilizada nos portos do Mediterrâneo do séc. XIII ao XIX.

Língua auxiliar de contato, utilizada por comunidades de línguas maternas diferentes. Assim caracteriza todo e único significado para língua, mas o que nos interessa é a língua como ciência.

E para demonstrar essa caracterização busca –se apoio ao grande pai da linguística – Ferdinand de Saussure.

“A **língua** é um sistema “cujas partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (Saussure, 1975).

Para **Saussure** “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designam respectivamente um **estado de língua** e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1995, p.96).

Por língua entende-se um conjunto de elementos que podem ser estudados simultaneamente, tanto na associação paradigmática como na sintagmática. Por solidariedade objetiva-se dizer que um elemento depende do outro para ser formado.

Para **Ferdinand Saussure** a **linguagem** é social e individual; psíquica; psico-fisiológica e física. Portanto, a fusão de Língua e Fala.

Para ele, a Língua é definida como a parte social da linguagem e que só um indivíduo não é capaz de mudá-la. O linguista afirma que “a língua é um sistema supra individual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade”, portanto “a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua”.

A Fala é a parte individual da Linguagem que é formada por um ato individual de

caráter infinito. Para Saussure é um “ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1995, p.22).

Com o olhar morfológico, ao estudarmos a Morfologia da Língua Portuguesa, devemos conhecer antes o objeto da Linguística, que é a Língua. O estudo da linguística como estudo científico da linguagem começou pela publicação, em 1916, do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. A partir daí, todo o estudo linguístico vai ser definido como "antes" ou "após" Saussure.

Ao observar que, Saussure diferencia a língua da fala. A língua "é um sistema lexicológico e gramatical que existe potencialmente na consciência" das pessoas que falam a mesma língua. Como meio de comunicação «a língua não depende do indivíduo que a fala." E tanto isto é verdade, que os indivíduos da mesma comunidade linguística têm de se interessar em aprender a sua língua, seguindo corretamente as normas estabelecidas. Enquanto que, "a fala é o ato pelo qual o indivíduo emprega a língua para exprimir as suas ideias. É de natureza individual; e, entre os seus elementos constitutivos, está também a emissão dos sons."

Para Saussure, a língua é um "sistema de signos" e o signo é uma associação entre o significante (a imagem sonora ou visual do signo) e o significado (o conceito do signo). Essa relação não é estática, ou seja, os significados mudam diante de seus significantes. A linguagem é uma faculdade humana que torna possível a produção social de sistemas de signos que servem para comunicar as línguas. O sistema linguístico é um fenômeno social que deve ser estudado na sua estrutura, abstraindo todas as relações históricas. A fala, como ato individual de utilização da língua num contexto particular, não é o objeto da linguística. Saussure dividiu em duas vertentes o estudo da linguagem: como já mencionamos acima, a sincrônica, que se limita a examinar uma linguagem particular num determinado período da sua existência (por exemplo, o português atual) e a diacrônica, que aborda o estudo histórico do desenvolvimento da linguagem (por exemplo, a evolução do português medieval até aos nossos dias).

A partir de Saussure é que surgiu a gramática descritiva ou Linguística Descritiva,

que é o estudo da língua conforme ela se apresenta. Após estas pesquisas, a matéria linguística pôde ser analisada sob dois pontos de vista diferentes, o diacrônico e o sincrônico, considerando-se que a verdadeira linguística deveria ser sincrônica. Foi com base na gramática descritiva que os estruturalistas encontraram suporte para o estudo dos fenômenos linguísticos, independente dos filósofos, partindo da análise de um corpus linguístico e, indutivamente, fazendo generalização.

Podemos observar que a linguística Tradicional fez opção clara pela abordagem a partir da perspectiva da palavra, tanto que a morfologia tradicional é centrada no estudo das classes de palavras.

Em linguística Descritiva, no nível de análise morfológico encontramos duas unidades formais: a palavra e o morfema, e uma das questões centrais no estudo da morfologia que é decidir se a abordagem será pela perspectiva do morfema ou se a partir da palavra, da formação e da classificação das palavras. A peculiaridade da morfologia é estudar as palavras olhando para elas isoladamente e não dentro da sua participação na frase ou período. Pode-se afirmar que a linguística e a gramática tradicional estudam o mesmo objeto, ou seja, a língua, mas sob pontos de vista diferentes. SAUSSURE (1974), estabelece uma série de princípios que refletem as diversas formas de abordagem linguística, através das dicotomias língua e fala, sintagma e paradigma, diacronia e sincronia, descritivo e normativo, além da dupla articulação da linguagem.

Na abordagem estruturalista, como o próprio nome sugere, há uma preocupação com a determinação da estrutura mórfica do vocábulo. Para tanto, é fundamental o conceito de morfema, proposto por HOCKETT(1973), da escola estruturalista americana: morfemas são os elementos mínimos individualmente significantes nas elocuições de uma língua. Um morfema pode ser um vocábulo, embora não possa ser confundido com este. Em português, "fé" é um vocábulo e um morfema, ao mesmo tempo, pois não pode ser dividido em partes significativas. Aliás, o linguista norte-americano Leonard Bloomfield definiu o léxico como o conjunto total de morfemas numa língua, ou seja, o inventário efetivo de todas as suas formas

mínimas significativas.

Novamente retomo as palavras “língua e fala” para tratarmos de uma questão histórica ao que se refere a história da língua portuguesa e seu contexto no mundo e no Brasil. Língua e Fala se relacionam no fato da fala sendo a condição de ocorrência da Língua.

A língua constitui um sistema vivo de comunicação que privilegia a mútua compreensão e entendimento de um determinado povo. Ao adentrar-se no estudo de uma língua, estudam-se os fatos do contexto histórico, bem como os acontecimentos que promoveram, direta ou indiretamente, sua origem. No que diz respeito à história da língua portuguesa, faz-se necessária uma busca histórico-geográfica, desde sua origem até sua implantação no Brasil.

Ao falarmos das origens e formação da Língua Portuguesa e ao fazer um estudo retórico, consegue ver a origem da língua portuguesa que está ligada ao latim – língua falada pelo povo romano, que se situava no pequeno estado da Península Itálica, o Lácio. A transformação do latim em língua portuguesa se deu por consequência de conflitos e transformações político-histórico-geográficas desse povo. Isso aconteceu por volta do século III a.C., quando os romanos ocuparam a Península Ibérica através de conquistas militares e impuseram aos vencidos seus hábitos, suas instituições, seus padrões de vida e, principalmente, sua língua, que reflete a cultura.

Há duas modalidades: o latim vulgar e o latim clássico. O vulgar, de vocabulário reduzido, falado por aqueles que encaravam a vida fazendo uso de uma linguagem sem preocupações estilísticas na fala e na escrita, dotado de variação linguística notável, uma vez que era uma modalidade somente falada, sendo, pois, suscetível a frequentes alterações.

Já o latim clássico caracterizava-se pela erudição da oralidade e das produções textuais de pessoas ilustres da sociedade e de escritores, sendo uma linguagem complexa e elitizada. Das duas modalidades existentes, a que era imposta aos povos vencidos era a vulgar, pois essa fora a língua predominante dos povos navegantes que exploravam novas terras para novas conquistas.

O português que se fala hoje no Brasil é resultado de muitas transformações de acréscimos e/ou supressões de ordens morfológica, sintática e fonológica.

Segunda a história abordada em nossos livros, ao falarmos da implantação da Língua Portuguesa no Brasil, Portugal ficou conhecido pelas grandes navegações que realizará, assim no século XV e XVI, através dos movimentos colonialistas e de propagação do catolicismo, e o país espalhou pelo mundo a língua portuguesa. Como, então, chegou a este solo essa língua navegante? Ao Brasil, a Língua Portuguesa foi trazida no século XVI através do “descobrimento”. O português era imposto às línguas nativas que havia aqui como língua oficial ou modificava-se dando origem a outros dialetos. Mas houve um longo processo para que o português se tornasse um idioma reconhecido por Portugal e se fixasse no território brasileiro.

Quando os portugueses desembarcaram na costa brasileira, estima-se que havia aqui 1.200 povos indígenas, falantes de aproximadamente mil línguas diferentes. Além dessa diversidade étnica e linguística, foram trazidos ainda cerca de 4 milhões de africanos de diversas culturas para trabalhar como escravos. Essa pluralidade linguístico-cultural fortaleceu as bases da construção da identidade do português brasileiro. O contato entre indígenas, africanos e imigrantes que vieram de algumas regiões da Europa favoreceu o chamado multilinguismo. Além da fase bilíngue pela qual passara o português, o multilinguismo contribuiu (e ainda contribui) para a formação identitária do português brasileiro.

E no Brasil a implantação do português é marcada por quatro momentos distintos, períodos significativos para esse processo de implantação:

O primeiro momento vai da colonização até a saída dos holandeses do Brasil em 1954; o segundo começa com a saída dos holandeses e vai até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808; já o terceiro, finda com a independência do Brasil em 1822. Por fim, o quarto momento se inicia em 1826, com a transformação da língua do colonizador em língua da nação brasileira.

O português brasileiro sofreu profundas mudanças para chegar ao português que se fala hoje. Entretanto, ainda está num processo de construção de sua própria identidade.

Para entendermos esta relação entre língua e o ensino da língua materna abordaremos um pouco a vida e a obra de Edward Sapir e outros autores que serão mencionados abaixo.

Autor e linguista - Edward Sapir, antropólogo e linguista

O autor foi aluno de Franz Boas nas primeiras décadas do século XX. Sapir como linguista contribuiu grandemente para o crescimento da linguística teórica e para o desenvolvimento da linguística indígena e indo-europeia.

Além disso, como antropólogo, produziu contribuições nos campos da etnologia, da teoria da cultura e da psicologia cultural. Sapir ingressou na Universidade de Columbia em 1901 e concentrou seus esforços na filologia alemã, em consequência, formalizou seus conhecimentos em linguística indo-europeia. Em 1909, recebeu o título de Ph.D. em Antropologia com uma tese sobre a língua Takelma do sudoeste de Oregon. Em 1921 Sapir publicou *Language: An Introduction to the Study of Speech*, o único livro que ele finalizou durante sua vida. Nessa obra ele incluiu estudos sobre línguas com grafia e ágrafas numa relação de igualdade e, também, se mostrou maravilhado pela precisão estrutural e tipologia gramatical de cada uma delas. O livro foi direcionado ao público em geral, mas a sua visão linguística e o tratamento dado a temas específicos da linguagem influenciaram, e ainda influenciam, muitos trabalhos de linguistas.

Algumas das contribuições mais importantes de Sapir para a teoria linguística se mostraram na fonologia. Em 1925, o periódico da Linguistic Society of America (LSA), *Language*, foi inaugurado e Sapir foi um dos seus fundadores. Nele publicou um artigo em que definiu o conceito de fonema, em termos de relações significativas entre os sons, uma novidade para a época. Além disso, a distinção feita por Sapir entre fonética e fonologia nos seus estudos e artigos revolucionou a linguística americana. Essa distinção foi resultado do

trabalho de campo com as línguas indígenas norte-americanas e se deu, independentemente, do trabalho paralelo realizado a partir de modelos fonológicos construídos pela Escola de Praga.

Outro ponto muito importante em que Sapir se destacou foram as discussões sobre o papel do significado na forma gramatical e as relações deste com a utilização da linguagem na formulação e transmissão de ideias. Esses assuntos foram reunidos na chamada hipótese de Sapir-Whorf. Essa hipótese é sistematizada por Severo em dois aspectos:

- [...] (i) a linguagem determina a forma de ver o mundo, e conseqüentemente, de se relacionar com esse mundo (hipótese do determinismo linguístico); [...]
- (ii) para diferentes línguas há diferentes perspectivas e diferentes comportamentos (hipótese do relativismo linguístico), (2004, p. 129).

Edward Sapir foi, sem dúvida, um dos estudiosos que mais se destacou no cenário linguístico dos Estados Unidos; ele compunha, juntamente com Franz Boas, Bloomfield e outros, o movimento do estruturalismo norte-americano. Esse movimento se desenvolveu entre as décadas de 1920 e 1950 e teve como marca principal a descrição das línguas indígenas ágrafas que estavam em vias de extinção no continente (línguas que tinham poucos falantes e logo iriam desaparecer sem que fossem descritas e estudadas). De acordo com Ilari, (2004, p. 77), “os pesquisadores americanos desse período sentiam-se comprometidos em realizar uma tarefa eminentemente descritiva que deveria [...] evitar a interferência dos conhecimentos prévios do linguista”. Em outras palavras, os estruturalistas norte-americanos estavam interessados, especialmente, em descrever as línguas indígenas com precisão e com a menor interferência possível do conhecimento que o pesquisador já possuía, como se fosse uma fotografia.

É preciso esclarecer dois pontos antes de seguir adiante: o primeiro ponto é que em *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*, de Sapir, traduzido por Câmara, não é feita uma distinção entre os termos ‘língua’ e ‘linguagem’, possivelmente pela existência de uma única

palavra, no inglês, para referir-se aos fenômenos. Assim, neste artigo, língua e linguagem referem-se ao processo geral de linguagem, i.e., referem-se à comunicação humana com a qual partilhamos socialmente nosso pensamento sobre o mundo. O segundo ponto a esclarecer é que quando Sapir usa o termo ‘fala’, neste artigo, toma-se o termo como metonímia de linguagem. Essa manobra é permitida dada a relação de associação entre linguagem e fala. Por último, é bom que se mencione que de acordo com o que escreve Mattoso Câmara no apêndice de *A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala*, “[...] o pensamento linguístico de Sapir se aproxima muito [...] do de Saussure.

É uma convergência espontânea, pois nada indica que ele tenha tido conhecimento da obra póstuma do mestre genebrino.” (SAPIR, 1980, p. 188). Assim, nada leva a crer que Sapir tenha lido o Curso de *Linguística Geral* e tenha conhecido as ideias abordadas por Saussure e sua distinção entre língua e fala. Até por isso, neste artigo não se utiliza a distinção língua fala, pois se sabe que a grande referência dos estruturalistas norte-americanos era, segundo Ilari (2004), Leonard Bloomfield e sua obra *Language*, (1933) que, entre outras coisas, afirmava que o sentido (Semântica) era de ordem mental e não poderia ser estudado cientificamente.

Considerações Finais

Não há como não dizer que cada autor tenha sua contribuição dentro do campo em que estuda a ciência da língua (linguística). Para a linguística, que a partir dos anos 60 começou ter seu espaço marcado por grandes ícones que buscavam resposta onde supostamente ninguém conseguiu alcançar ao estudar a forma de abordar cada teoria, possamos entender melhor a construção deste artigo que originou-se de algumas aulas de estágio do mestrado em letras, que na qual houve a necessidade do estudo do material para que obtivesse o embasamento teórico e posteriormente as aulas fossem ministradas e assim acontecesse conclusão de plano. Desta maneira ficou combinado que a partir destas teorias dos autores (Saussure, Sapir e Câmara) buscássemos distinguir a diferença posta dentro do

campo da linguística? De qual seria a função de um linguista e de um gramático?

De forma procurei me embasar em um autor que demonstra uma definição compreensível sobre o assunto em questão:

Os estereótipos são que os gramáticos defendem o português correto, formal, e que os linguistas defendem todas as variantes. Minha impressão pessoal é que o predicado ‘defensor’ até pode ser aplicado ao gramático, mas é incorretamente aplicado ao linguista. (Possenti, 2011).

Para colocar de uma forma abrangente, quando falamos de língua, linguagem construção de conhecimento, vale salientar que desde os primórdios que houve uma sequência no que se diz sobre língua e somente meados do século XX que este estudo veio com mais embasamento através de realizações de pesquisas, pode –se dizer que também utilizou se das teorias de Piaget e Vygotsky (as etapas que a língua passa ao decorrer do tempo, quando se estimula um ato há uma resposta, porque ao falar do indivíduo, fala-se de todo) e para concluir temos o próprio Saussure que trabalhou em sua cronologia com diacronia e sincronia dando ênfase a diacronia, ou seja, as modificações da língua e um pequeno período.

E ao falarmos de gramáticos e linguísticas podemos deixar implícito que cada um tem sua forma de pesquisa e cada qual aproxima-se mais de suas teorias, por exemplo (falar que o gramático defende o português correto) tudo bem pode até defender. Mas qual seria este português correto? Falando –se no Brasil temos vários dialetos, mas por este lado o que pode-se dizer? Falo sobre a fala correta, tudo bem, então vamos pegar a palavra “patu” fonologicamente está correto, mas a morfologia não está. E quando eu falo “patu” na visão de um linguista, houve a comunicação e isso já basta, cabe ao indivíduo agora reconhecer que morfologicamente fica deslegante a escrita da palavra? Mas quem disse que fica. São questões que se for analisar daria uma dissertação. E ao meu ponto de vista quando há comunicação, há interação cabe a cada um de nós buscar o que a sociedade descreve como normas e padrões para que possamos trabalhar de acordo com a “ cartilha”.



Referências Bibliográficas

BUENO, Joaquim Silveira. Dicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. História e estrutura da língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Princípios de Linguística Geral: Como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

BLOOMFIELD, Leonard. Language. Nova Yorque: Holt, 1933.

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F. BENTES, A. C. (orgs) Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. v.3.

SAPIR, Edward. A Linguagem: Introdução ao estudo da Fala. 2.ed. Tradução: J. 1980

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix; Editora da USP, 1974.

POSSENTI, Sírio – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto Ciências Hoje, 2011.

[http://www.infopedia.pt/\\$edward-sapir](http://www.infopedia.pt/$edward-sapir)

<http://www.dicio.com.br/lingua/>

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2011v12n2p15/21356>